

Vírus, imperialismos, estratégias: entre meta- complôs inventados (quase todos) e conspirações reais em curso

Lauro Zagato

Professor de Direito Internacional - Universidade Cá Foscari Venezia.

Tradução de Regina Teixeira

1. Premissa

Doenças contagiosas e epidemias foram desde sempre armas político-militares que forjaram e derrubaram impérios. Sejam as usadas deliberadamente como arma de extermínio, com intenção genocida, no sentido do direito internacional¹ (exemplos: os mongóis que jogavam animais mortos infectados dentro dos muros das cidades sitiadas; o envio de prostitutas brancas sífilíticas a áreas habitadas por nativos americanos no século XIX; roupas infectadas deixadas nas reservas indígenas após a rendição das tribos). Ou ainda de modo aleatório/casual, como a epidemia de sarampo que exterminou a população do Havai e Fiji em meados do século XIX. E, por fim, num misto em que se combinam acaso e oportunidade, quando eventos originalmente não desejados e/ou controlados transformam-se, no seu decorrer ou a posteriori, em intervenções humanas conscientes, visando tirar proveito de seus efeitos. Os conquistadores europeus sequer estavam cientes das doenças mortais que traziam: as Américas foram conquistadas pela varíola – endêmica entre os soldados – que destruiu não apenas a população de Tenochtitlán, mas se espalhou pelo continente². É preciso dizer que a Mesoamérica também estava preparada para a primeira guerra "bacteriológica" da história. Lá se encontravam armas letais que atacavam as vísceras, mas de efeitos retardados, não comparáveis aos dos vírus trazidos pelos recém chegados. Esses teriam morrido,

¹ Ver ZAGATO L., CANDOTTO L., *Il genocidio. Declinazioni e risposte di inizio secolo*, Giappichelli, Torino, 2018.

² O discurso sobre um continente vazio, legitimador da colonização europeia da América do Norte, é obviamente uma mentira colossal. A maioria dos nativos da América do Norte foi exterminada sem chegar a ver sequer um colonizador, pela varíola, varicela, gripe, sarampo. Calcula-se que, na chegada dos europeus, as regiões denominadas "Índias" eram tão povoadas quanto a Europa.

literalmente, cagando, afogados em esgoto. Mas posteriormente, quando já era tarde para os nativos³.

De qualquer modo, grandes especialistas escreveram sobre o papel político/econômico/militar das epidemias na história. O assunto volta hoje, mais do que nunca, ao centro dos estudos e não apenas de historiadores: então, deixemos os especialistas trabalharem. Para avançar neste terreno, seria necessário distinguir adequadamente epidemias virais de epidemias de origem bacteriana, que têm naturezas diferentes. Para o meu nível de conhecimento o Coronavírus (Covid-19) basta ... e sobra.

Assim, o que mais me preocupa e me leva a escrever é antes a compreensão de como o conhecimento histórico-científico acumulado sobre a dimensão política das epidemias e (acima de tudo) de seus resultados retornou agora ao limbo. Depois de um primeiro momento em que circularam as hipóteses de meta-complôs mais delirantes (vírus produzido em laboratório por cientistas do mal; vírus disseminado por alguém com finalidades obscuras; ou mesmo inexistência do vírus), predomina agora a opinião de que este é um acidente maldito e infeliz, “externo”, vindo “de fora”, e que deve ser tratado como uma guerra. E somente depois que a guerra terminar com a nossa vitória, poderemos voltar à vida normal. Para os movimentos sociais, é claro, a vida normal é aquela marcada por lutas; porém hoje prevalece uma atitude passiva, com motivações científicas, às vezes pouco sérias. Parece-me que aqui não há nada objetivo e fatal, exceto o vírus Sars-CoV-2, da família C-19, que faz o seu trabalho.

Isso me aterroriza: não acredito em meta-complôs (entendo com esse termo as narrativas que atribuem o evento epidêmico a uma obra humana desde o começo, em sua própria causa). Mas nas conspirações em andamento eu acredito mesmo e algumas estão

³ Esse modo que chamei de “misto” também aparece em FEDERICI, S., *Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva*. Se a peste negra desencadeia o processo de formação do capitalismo na Europa, a caça às bruxas é decisiva na expropriação do corpo feminino e na anulação do conhecimento tradicional de gênero. O que sujeitará as mulheres ao papel de ferramenta controlada de reprodução, outro elemento estratégico na construção do novo modo de produção. Trata-se, aqui, do aproveitamento de “oportunidades históricas”. O texto de Federici está disponível em português em http://coletivosycorax.org/wp-content/uploads/2016/08/CALIBA_E_A_BRUXA_WEB.pdf. [Nota da tradução]

acontecendo neste momento, diante dos nossos olhos. Lembremos que a gestão econômica/política/militar das epidemias, como de outras grandes crises, costuma ter efeitos definitivos, criando fatos consumados irreversíveis.

Excluimos, pois, o laboratório do Dr. Mabuse⁴ e a difusão proposital do vírus, bem como de sua inexistência: são complots dignos de ... terraplanistas. Enquanto, de fato, existe uma pluralidade de complôs entrecruzados que vão nascendo aos poucos, que se combatem ou se agregam, de acordo com o desenrolar da epidemia. Sendo assim, a resposta negativa vale para todas as hipóteses de meta-complôs ou existe realmente uma forma de meta-complô que está em pleno andamento?

2. Em que sentido realmente existe uma meta conspiração/complô

Um meta-complô colossal realmente existe: é aquele praticado contra a ecosfera pelo capitalismo. Se preferirmos, a destruição da ecosfera levada a conseqüências extremas na fase do Antropoceno em que vivemos ou, à maneira de Donna Haraway, no chamado Capitaloceno⁵. E a natureza reage. Ao me expressar desta maneira, percebo o risco de entrar numa lógica/discurso que personaliza a natureza (a revolta de Gaia de que

⁴ Referência a um filme alemão da década de 20 do século passado, cujo personagem-título, um misterioso psicanalista, brinca com as emoções e engana as pessoas através de técnicas de hipnose. Nota da tradução.

⁵ Haraway D., *Chthulucene, sobreviver su un pianeta infetto*. Nero, Roma, 2019. A noção de antropoceno remonta às últimas décadas do século XX e foi criada pelo ecologista Storer (Michigan University) para demarcar um período de grandes transformações na Terra pela atividade humana. A tese foi relançada em 2000, quando o Nobel de química Paul Crozen afirmou que os efeitos dessas transformações encerra o Holoceno (iniciado no final das eras glaciais) e impõe, a partir do século XVIII, o antropoceno. A noção foi bem aceita (até demais) no mundo científico. Haraway coloca-a sob crítica, a partir de objeções feministas à noção de excepcionalismo humano. E mesmo a grande transformação a que Storer e Crozen se referem começou antes, com as empresas mercantis do século XVI e, sobretudo, com a expansão do comércio. Haraway opõe o termo Capitaloceno a Antropoceno, sublinhando que a expressão "surgiu" em um seminário em Lund, na Suécia, porque "em uma situação histórica urgente" (p. 215) novas palavras brotam. A autora parece, assim, concordar com MOORE J. (*Anthropocene or Capitalocene, Part III*, 19 May 2013. <http://jasonw-moorewordpress.com/2013/05/19/anthropocene-or-capitalocene-part-iii>; CRIST E., "On the poverty of Nomenclature" (*Environmental Humanities*, 3, 2013, pp. 129-147). O primeiro termo agora é de uso comum e Haraway o aceita, mas em relação a um breve período de gestação do capitaloceno, a era da destruição (semi)consciente do mundo. Quanto ao termo Chthulucene, que dá o título ao livro, não dá para desenvolvê-lo aqui, por demasiado complexo, embora oportuno nas atuais circunstâncias.

falou Lovelock⁶, entre outros⁷) e me ancoro na intervenção do professor Piovani, de rara clareza, retomada pelas mídias sociais e por grupos de discussão virtuais.

O vírus, essa criatura antiquíssima (esse “programa?”), faz o trabalho dele, aproveitando ao máximo o comando implícito de reproduzir cópias de si mesmo em cada lugar onde é possível. A sociedade contemporânea criou as condições ideais para a disseminação dos vírus em geral, dos coronas e, especificamente, de Sars-CoV-2: massas humanas concentradas em megacidades que realizam deslocamentos rapidíssimos; destruição do ambiente natural de muitas espécies animais que coexistem com certos vírus; e até transporte desses animais meio vivos e meio mortos nos ambientes lotados de homens. É inútil continuar, o estresse geral dos seres vivos em torno a nós é objeto de literatura extensa⁸. A poluição, conforme sabemos por especialistas, “produz inflamação crônica nas mucosas do trato respiratório e, portanto, representa um fator de risco aumentado para complicações pulmonares induzidas pelo vírus⁹. E mais: estudos chineses e agora um relatório de universidades italianas mostram as partículas finas de poeira como um fator na propagação do vírus.

Este é o verdadeiro meta-complô por trás da epidemia. Por isso, me choca ler ou ouvir teóricos da conspiração afirmarem que o morcego é uma desculpa, que deve haver algo mais por trás disso! O morcego indica o salto de espécie viral, a coisa mais perigosa que existe, mesmo em projeções futuras, e é um sinal do estresse atingido pelo sistema¹⁰.

⁶ Lovelock J., Gaia. A New Look on Life on Earth, OUP, Oxford, 1979 (trad. it. Gaia, nuove idee sull’ecologia, Bollati Boringhieri, Torino).

⁷ Fiquei muito impressionado com a audácia do antropólogo brasileiro Eduardo Viveiros de Castro de levar essa linha de pensamento às últimas consequências ao dizer que “Animismo é a única versão sensata do materialismo” (cf. Haraway, op. cit.).

⁸ Vincenzo D’Anna levanta a hipótese, em relação ao centro da epidemia ser em Bergamo e Brescia, de existir uma ecotoxicologia devida à propagação no solo de lodo industrial e farmacêutico, com consequências neurotóxicas para a população. Ver em <https://m.soundcloud.com/marcello/pamio/intervista-al-dottor-vincenzo-danna>.

⁹ Soresi E., “Le mie considerazioni sull’epidemia da coronavirus”. Em <https://neurobioblog.com/2020/03/16/enzo-soresi-le-mie-considerazioni-sullepidemia-da-coronavirus>

¹⁰ Ver PANCINO G., “Questions - Answers on Covid-19”, pdf (pp. 1-7). “Ainda é uma zoonose, uma transmissão do animal para o homem. E as zoonoses que se repetem em ritmo acelerado são favorecidas pela expansão humana que destrói os habitats naturais e coloca o homem em contato com a fauna silvestre e seus vírus” (p. 1). O autor lembra que a SARS (síndrome respiratória aguda grave) e a MERS (síndrome respiratória do Oriente Médio) passaram do morcego para o homem, através de um hospedeiro

Esta é precisamente a evidência do meta-complô, de tal nível que os teóricos da conspiração, com sua falta de visão de fundo, nem conseguem imaginar. Uma última observação, por dever de coerência: duvido que seja realista projetarmos metas de reequilíbrio do eco-sistema. Infelizmente, estamos além da possibilidade de reconstruir uma relação correta com a natureza. Antonio Negri escreveu nos anos 80 do século passado sobre a possibilidade de uma natureza antropizada, com o objetivo de criticar um certo fundamentalismo naturista dos verdes alemães da época¹¹. Mas aqui estamos além, estamos no colapso final da “segunda natureza antropizada” e o sistema reage em estado de estresse. E a próxima vez será pior, se consideramos que menos de 20 anos se passaram desde a epidemia de Sars e oito desde a de Mers. Os entretempos estão mais curtos, enquanto os vírus da série Corona estão evoluindo, adaptando-se.

Não pretendo aqui evocar cenários de fim do mundo; queremos sobreviver neste “planeta infectado”, evitando o seu colapso definitivo, tanto quanto possível. O próprio fato de que a conspiração do silêncio foi interrompida e que a noite do TG1¹² de 20 de março trouxe notícias oportunas dos resultados dos estudos sobre a relação entre vírus e partículas finas é um sinal positivo. Apesar de tudo, talvez a própria epidemia nos forneça armas para (tentar) combater a meta-conspiração. Encerro esse ponto (da série: animismo todo o caminho!) trazendo a bela metáfora de Massimiliano Sassoli de’ Bianchi (Center Leo Apostel for Intedisciplinary Studies, Vrije University, Bruxelles): “O coronavírus é um hacker criado pela natureza para mostrar a vulnerabilidade do nosso sistema antes que ele desmorone completamente”¹³.

3. Estratégias dos entes/aparato de governo

intermediário, o furão na SARS e o camelo na MERS. As suposições sobre o morcego como origem do SARS-CoV-19 são feitas por analogia, pois ainda não há certeza científica, exceto ser uma zoonose”.

¹¹ E ele estava certo: lembro de escritos daquele tempo marcados por um organicismo assustador, que recordava, além da linguagem da nova esquerda, a cultura da Europa Central da década de 1930.

¹² TG1 (TeleGiornale 1) é a marca dos programas de notícias do canal de TV estatal italiano Rai 1 [Nota da tradução.]

¹³ Op. cit. Enzo Soresi.

Uma leitura panorâmica, com um olhar distanciado, embora não muito aceitável quanto ao mérito, tem a vantagem de oferecer uma visão das estratégias adotadas pelos vários sujeitos do aparato estatal, permitindo uma avaliação fria desses procedimentos, embora eles apareçam de modo fragmentado. O artigo de Roberto Buffagni¹⁴ identifica dois estilos estratégicos diferentes de gestão de epidemias reconhecíveis no comportamento político dos Estados envolvidos. Esses estilos refletiriam fielmente "a ética e a maneira de entender o interesse nacional e as prioridades políticas dos Estados e, em menor grau, também das nações e povos". O primeiro seria baseado no cuidado do doente/infectado, um modelo, diz o autor, tipo o modelo alemão, britânico e, parcialmente, francês. O outro seria o de contenção do contágio por meio de medidas de emergência, essencialmente pelo isolamento da população, tipo o modelo chinês, sul-coreano e italiano.

O modelo 1 implicaria uma análise implacável da relação custo-benefício, o sacrifício consciente de uma parte mais ou menos grande da população, dependendo dos recursos disponíveis de terapia intensiva. Não é necessário dizer que o não confinamento (sigo o raciocínio do autor) implica um grande número de pessoas infectadas ao qual nenhum sistema nacional de saúde seria capaz de atender. Seria, portanto, uma questão de escolher quem salvar e quem não, de acordo com capacidade do referido sistema. Essa escolha seria justificada pelos custos altíssimos do segundo modelo e pelo pressuposto de que os condenados seriam antes vítimas de outras patologias pré-existentes ou pessoas mais idosas, e/ou pertencentes aos estratos desfavorecidos e aos grupos étnicos periféricos da população.

Dessa escolha, surgiriam até situações vantajosas para o sistema econômico e para o país em termos de projeção de recuperação industrial, favorecidos pelo crescimento relativo da parcela de jovens, mais dispostos a gastar e investir após o fim da epidemia. Mas o elemento central seria a formidável vantagem competitiva sobre os países que

¹⁴ BUFFAGNI R., "Epidemia coronavirus: due approcci strategici a confronto": <http://italiaeilmondo.com/2020/03/14/epidemia-coronavirus-due-approcci-strategici-a-confornto-di-roberto-buffagni/>

adotassem o segundo modelo. Para seguir o primeiro modelo, diz Buffagni, é necessária uma classe política sólida na busca impiedosa do interesse nacional e uma forte disciplina social (precisamente o que dificultaria a França de seguir esse modelo). Em resumo: uma escolha de guerra, livrar-se do lastro humano usando o vírus para levar vantagem sobre outros Estados, os verdadeiros inimigos que a epidemia permitiria derrotar. Aqueles que escolhessem o modelo 2, em particular a China, seriam guiados por um ambiente cultural predominantemente comunitário, por um amplo respeito pelos idosos (e pelo culto aos antepassados), por uma avaliação estratégica de longo prazo, baseada na importância da coesão do corpo social. Dito isso, o autor se pergunta por que a Itália escolheu o modelo 2, uma decisão improvável no início da crise. A resposta estaria na base ideológico-cultural do contra-reformismo católico (que reúne o familismo pré-cristão, típico das civilizações mediterrâneas), sobre a qual o pacifismo característico da Segunda Guerra Mundial está instalado. Ainda assim, o conflito entre forças políticas e entre Estado e Regiões (legitimação pelas instituições), e a tradição política de, nas crises, seguir a linha de menor resistência, neste caso a contenção de contágio, teria esse sentido. Ironicamente, os Estados que escolhem o modelo 1 adotam comportamentos que, em abstrato, se identificam com modelos de liberdade: as pessoas mantêm a liberdade de movimento, aqueles que adoecem em um nível que requer cuidados intensivos teriam recursos para curar a si mesmos, e os outros morrerão. O modelo 2 requer a intervenção do exército, o estado de exceção etc. O autor conclui dizendo que, mesmo tendo a impressão de que foi acidental, está feliz que a Itália tenha feito a escolha certa.

Essa contribuição é a primeira das que li que trata a história que estamos vivendo em termos de conflito político entre sistemas-países – e, implicitamente, o conflito de classes dentro deles –, subtraindo-a dos latidos militantes que, referindo-se de modo grosseiro a um inimigo externo, tentam nos privar da capacidade de raciocinar. Este crédito deve ser dado ao autor. Entretanto, a própria tese de fundo não está bem calibrada e aparece ultrapassada pelos fatos, e, acima de tudo, é muito fácil desconstruir os elementos nos quais a dupla hipótese se baseia. Por exemplo, não há necessidade de lançar mão da explicação via familismo mediterrâneo pré-cristão. Na Itália, as relações entre

gerações ocorre de forma a colocar as faixas etárias em contato direto, bem mais do que em outros lugares. Um sistema de cuidados domésticos – sem similar na Alemanha ou na França – expandiu-se nas últimas décadas, com o consequente aumento da exploração do trabalho doméstico e a retração dos direitos da força de trabalho feminina não integrante da União Europeia (porém às vezes também daquela pertencente a países membros da Europa Oriental), funcional ao intuito de segurar aposentados e... suas pensões na família. Daí a maior força do relacionamento emocional, bem como um nível agudo, mesmo que oculto nas paredes do lar (aqui a hipocrisia contra-reformista emerge em toda a sua força), de violência contra os idosos. Em resumo, tenhamos cuidado com a nobreza do modelo 2 aplicado na Itália. As famílias – e peço desculpas pelo cinismo – entenderam muito bem que se a pessoa idosa da casa estiver em risco, uma parcela da renda fixa, muitas vezes essencial para a sobrevivência do núcleo, também está. Além disso, existe um documento da Siaarti (Sociedade Italiana de Anestesia, Analgesia, Reanimação e Terapia Intensiva), nunca negado, que sugere fazer escolha entre pacientes em caso de escassez de recursos de terapia intensiva, favorecendo os menos idosos. E circulares internas (refiro-me sobretudo à região do Veneto, porque as informações aqui são seguras) que sugerem a equipes de saúde "evitar estratégias assistenciais e disformes no território da região", aplicando o documento de maneira homogênea¹⁵.

Portanto, as "duas linhas", nos termos das hipóteses avançadas por Buffagni, tendem a se sobrepor. De outro ponto de vista, deve-se ter cautela ao equiparar o modelo seguido pela Itália ao chinês: precisaríamos – como muitos alertam – concluir criticamente sobre a incapacidade italiana de percorrer todo o caminho e ser coerente com o modelo. No dia 08/03, se no lugar da estação de Milão, a fuga de massa¹⁶ tivesse ocorrido na estação de Wuhan, teria havido um massacre. Mas alguém realmente acha que isso deveria ser feito? Eu tenho muito cuidado diante dos que clamam por ainda mais

¹⁵ Ver CAVICCHI L, "In Veneto circolare per aderire alla linea della Siaarti", em Il Manifesto, 17 marzo 2020.

¹⁶ No dia 8 de março, pouco antes do decreto de *lockdown* ser oficialmente anunciado, os site da imprensa o divulgaram e milhares de moradores de Milão oriundos da Itália meridional se precipitaram nos trens para voltar ao Sul.

dureza, como na China. "Suspeito" que eles tenham planos ruins para o pós-vírus e estejam iniciando movimentos preparatórios desses planos enquanto a epidemia ainda está em curso. Vamos, então, colocar a questão em termos sérios, de modo a chamar as autoridades nacionais, centrais e municipais as suas responsabilidades. Era realmente impossível que o nosso Estado seguisse um modelo de contenção decididamente diferente do chinês, como o modelo adotado pela Coreia do Sul?¹⁷

Também duvido – para dizer a verdade – que a Alemanha de hoje, cuja classe dirigente está particularmente atenta à coesão social, possa ser totalmente incluída no modelo oposto. Este país ainda possui um sistema de saúde de pé, apesar dos ataques do neoliberalismo, e foi capaz de se preparar realmente para uma estratégia de contenção. Por outro lado, o primeiro modelo, em sua forma explícita, foi proposto por Boris Johnson em inesquecível lição pública de cinismo político, revertido, a seguir, sob pressão da opinião pública interna. Até onde sei, apenas o governo holandês ainda segue o caminho teorizado por Johnson e sintetizado por Buffagni. Afinal das contas, esse governo, pelos discursos que faz, parece mais ser a animada “Tereza” de plantão no cenário internacional do que uma fria entidade *polilcymaker*, expressão da direita Tory (a não ser, é claro, que sejam atores muito habilidosos)¹⁸.

As novas elites britânicas também tentaram dar um carrinho na questão do enfrentamento ao vírus na Europa, zombando da escolha italiana de controle, atribuindo-a à falta de vontade dos italianos em trabalhar. O próprio Banco Central Europeu (BCE), em uma entrevista com sua diretora, piscou um pouco de olho para esse comportamento. Mas a situação logo mudou. Os governos e instituições da União Europeia (UE) parecem,

¹⁷ Segundo PANCINO G. (op.cit.), “A estratégia sul-coreana tem sido diferente (da estratégia chinesa NDR). O isolamento em massa foi evitado graças a uma intervenção rápida e agressiva que permitiu identificar os primeiros casos e isolá-los. Ao bloquear a entrada de novos casos vindos do exterior e instituir medidas de separação social, como o cancelamento de eventos de massa, o fechamento de escolas e a recomendação para as pessoas ficarem em casa, as autoridades coreanas conseguiram achatar a curva de infecção”. Isso foi possível porque a Coreia do Sul, como o Japão, não foi pega de surpresa pela epidemia, tendo se aproveitado bem da experiência anterior com a SARS. Ver também DOMINIJANNI I., “Confusione sanitaria”, em www.internazionale.net, 31/03/2020.

¹⁸ Não pretendo considerar aqui a posição mais radical e alucinante (27 de março) entre os que seguem essa abordagem; um personagem como o atual presidente brasileiro não merece citações.

às vezes, embora de maneira contraditória, entender que a linha Maginot¹⁹ neoliberal também deve compreender a Itália, adiando para mais tarde acertos de contas internos à nova União Europeia. A intervenção quase inesperada e em grande estilo do BCE foi relevante a curto prazo²⁰. Esclareço: a UE está decidindo se deve ou não levar “patos mancos” (Itália, Grécia) dentro da salvaguarda do sistema neoliberal europeu, o qual está exatamente na origem do atual desastre. Aos movimentos e comunidades que operam na Europa cabe a tarefa de (de dentro) desestruturar e revoltar esse modelo sinistro²¹. Pelo menos, por enquanto, não ficamos à mercê da idiotice soberanista e dos que tagarelam sobre moeda soberana²².

Façamos agora uma análise panorâmica. Internacionalmente, entre os imperialismos históricos em crise, os delírios neocoloniais (a nostalgia inglesa do império) se desfazem como neve ao sol; não há sistemas/países que possam realmente explorar a crise em curso em proveito próprio. Mais em geral, vejo do lado chinês uma vontade prudente de capitalizar sua própria superação da emergência com o objetivo de recuperar o consenso internacional (e a coesão interna) a longo prazo. Vejo também uma afobação da autoridade dos EUA no mundo (pense na figura de Trump querendo comprar, com exclusividade, as realizações da indústria farmacêutica alemã). Vejo a

¹⁹ A Linha Maginot foi um sistema de defesa construído pela França ao longo de suas fronteiras com a Alemanha e a Itália, após a Primeira Guerra Mundial (entre 1930 e 1936). [Nota da Tradução].

²⁰ Para uma abordagem crítica correta, ver DE MARCIII P., “Il momento è adesso! I limiti di prospettiva del decreto governativo..”, em www.adlcohas, 22 de março de 2020.

²¹ Sandro Mezzadra observa que a situação é: “propicia a voltar a pensar a Europa. É certo que a União Europeia fez muito pouco até agora, e o fez de maneira contraditória e, por vezes, até contraproducente. Mas como não ver que a austeridade, o dogma do orçamento equilibrado, estão finalmente sendo abalados? E que formidáveis são as pressões em cima do Banco Central Europeu para que assuma o papel de credor de última instância. Essas são tendências “objetivas” no sentido de que independem de intencionalidade política, mas definem as condições para a retomada das lutas em solo europeu (ou melhor: por uma precipitação das lutas que se desenvolverão em muitas partes do continente europeu)”. Conforme MEZZADRA S., “Una politica delle lotte in tempo di pandemia”, Euronomade, 14 de março de 2020, em *Fareantropologia*, Per una critica della politica UE in questa fase. Ver também FUMAGALLI A., “La politica ipocrita dell’Europa”, em www.ffmpeg.org/la-politica-ipocrita-delleuropa-di-andrea-fumagalli/

²² Esse populismo anti-solidário, sombrio, miserável e esfarrapado sonha com uma Itália imprimindo moeda soberana. Mas, só para saber, alguém gostaria de me dizer quando, a partir de 8 de setembro de 1943, a Itália teve realmente “soberania” monetária? Quem diz isso (ou quem está por trás disso) tem um plano: retornar à moeda nacional para voltar às ondas de desvalorização dos anos 80 e início dos 90, quando nas terríveis crises das propriedades rurais, certos estratos sociais enriqueceram brutalmente às custas de todo o resto. É isso que significa “recuperação da soberania monetária”.

opção franco-alemã de manter a UE de pé e não jogar-se em aventuras isoladas (exceto brigar depois sobre o como). Uma paralisia substancial da Federação Russa, incapaz de aproveitar a oportunidade no tabuleiro de xadrez internacional, exceto indiretamente e por sua própria conta e risco, dado o perigoso amiguinho que escolheu para si. ... e aqui, infelizmente, vejo o caminho bem aberto para um triunfo do pior dos subimperialismos em campo. Refiro-me à Turquia e a total liberdade de movimentos que seu governo conseguiu no tabuleiro de xadrez do Oriente Médio, aproveitando-se da dramática expansão do vírus no Irã. Entre as várias guerras proclamadas ou gritadas, a real está sendo conduzida com calma, sem piedade e sem gritos, pelo regime turco na Síria (assim como no sudeste da Anatólia). Se não se conseguia encontrar maneira de opor-se com eficácia aos danos causados à população curda antes, imagine agora com a emergência do vírus: todos os governos europeus têm um alibi para sua omissão. E aqui está uma prova terrível do que foi dito no início: em nível internacional, a atual crise epidêmica favorece situações de fato consumado, no sentido, inclusive, político-militar.

Mais do que no campo do confronto entre as potências e sistemas nacionais, os complôs mais expressivos que acompanham a pandemia, os planos que estão sendo gestados para compartilhar os despojos do "depois" da epidemia, ocorrem – e lá devem ser buscados – na rede de relações de poderes transnacionais que operam no campo neoliberal²³; uma rede que acompanha as fases da crise epidêmica, sendo pontuada por

²³ Falamos aqui do chamado "neoliberalismo progressivo". Nancy Fraser, no capítulo intitulado "Historicizing Capitalism", o mais bem-sucedido de seu último livro, descreve a crise e superação do capitalismo estatal (social-democracia ocidental) como resultado do ataque concomitante de duas forças radicalmente diversas. Por um lado, os movimentos da nova esquerda global que mobilizam jovens, mulheres, imigrantes, sujeitos periféricos, grupos étnicos minoritários (nos EUA, sobretudo jovens negros) em busca de emancipação do racismo, sexismo, imperialismo, mas também do consumismo e paternalismo burocrático. Por outro lado, uma espécie de partido neoliberal que, em nome do individualismo consumista, quer liberar a criatividade empreendedora das amarras da burocracia governamental e globalizar a economia, que combate aumentos de impostos e a proteção social pública, visando romper com o estado de bem-estar social. Fraser usa a bela expressão "convergência contra-intuitiva" de forças para denominar esse processo que tende a destruir a aliança social-democrata que governou o Ocidente no pós-guerra. Em seu lugar, ascende um "neoliberalismo progressivo", uma nova aliança na qual os defensores da mercantilização recuperaram "o controle dos movimentos de emancipação para deles tirar partido". Mesmo com omissões (onde, por exemplo, foi parar a saga cyberpunk e do libertarianismo tecnológico dos anos 80 e 90?) e uma certa simplificação, parece-me uma reconstrução do que realmente aconteceu. FRASER M., *Capitalism. Una conversazione con Rahel Jaeggi*, Roma, Meltemi, 2019, (sobretudo pp. 134-135). Sobre os

elas, mas marcando-as, por sua vez. A esses complôs devem-se opor formas de resiliência que, em parte, começam a se tornar visíveis²⁴. Enfrentar esse tema requer uma abordagem diferente, não individual e que, portanto, não pode ser desenvolvida aqui.

Antes de encerrar, vamos dar uma olhada de perto na situação italiana, porque tenho um forte receio de que aquilo que chamei de conspirações esteja em pleno andamento e operando metodicamente.

4. Crise no sistema de controle italiano e complôs (dramáticos) em andamento

Está disponível o primeiro relatório do Istituto Superiore di Sanità (ISS) que examina as primeiras 3.200 mortes na Itália²⁵. Por ser um documento oficial, ele é extremamente cauteloso. No entanto, os dados que relata são mais que suficientes. Ele examina o perfil dos mortos em 18 de março. Os relatórios subsequentes são mais rigorosos, mas confirmam totalmente a tendência inicial²⁶. As comparações serão feitas com o último relatório disponível, o de 30 de março, que se refere a dados do dia 26. O primeiro relatório confirma o que sabíamos: a idade média dos mortos é de cerca de 80 anos, 15 anos superior à idade média do infectado. As mulheres são 29%. Por faixa etária, as mortes abaixo dos 50 anos são 36 (pouco mais de 1% do total), 93 entre 50 e 60, 329 entre 60 e 70. Em suma, apenas 450 pessoas em 3.200 (!) tinham abaixo de 70 anos na hora da morte. Dos demais, 1.134 tinham entre 70 e 80, 1.309 entre 80 e 90, enquanto

desastres do "neoliberalismo progressivo" na América do Sul, ver COCCO G., CAVA B., *New Neoliberalism and the Other. Biopower, Anthropophagy and Living Money*, Lexington Books, London, 2018.

²⁴ ZAMBON G., "L'emergenza del futuro", em adl.net, diz na conclusão: "como em qualquer crise, há também oportunidade para tomarmos a palavra e a iniciativa de arrebatando resultados igualitários que regenerem um sentir em comum, a partir do qual se pode começar de novo. Podemos evidenciar a mistificação liberal da contabilidade orçamentária, os fardos de lobby de todas as forças do partido. Podemos denunciar pandemias presentes e futuras como induzidas pela devastação do ecossistema da Terra pelo sistema de produção. Devemos dizer a nós mesmos que o modelo de vida dominante é catastrófico e que devemos alterá-lo, estrutural e individualmente. Podemos ressaltar que é possível trabalhar – e a emergência atual é a demonstração empírica – quantitativamente menos e qualitativamente melhor. A emergência é também o novo que se revela. Precisamos apenas ver e experimentar."

²⁵ Atualização de dados de 20/03: os boletins da vigilância integrada COVID-19 e a análise de pacientes mortos na Itália, contendo no apêndice o relatório sobre as características dos pacientes mortos positivos para COVID-19. Em www.epicentro.iss.it/coronavirus/aggiornamenti

²⁶ Relatório sobre as características de pacientes mortos positivos para COVID-19 na Itália. Atualização de 26 de março de 2020. <https://www.epicentro.iss.it/coronavirus/sars-cov-2-decessi-italia>.

acima de 90 anos são 298 (esta é a única faixa na qual, em termos absolutos, as mulheres superam os homens, mas, obviamente, isso acontece porque muito mais mulheres que homens atingem tal idade). Os dados relatados até agora não são amostrais e sim totais. Já o documento atualizado em 30 de março leva em consideração 6.801 pacientes (uma amostra extremamente grande) e apresenta resultados absolutamente consistentes: idade média entre 78 e 79 anos, sendo 2.013 mulheres (29/6%); 84 pessoas morreram com menos de 50 anos (1,2%); sendo que 17 com menos de 40 anos.

O Relatório do dia 20 examina uma amostra de 15%, igual a 481 falecidos, dos quais apenas 6 não apresentavam nenhuma das comorbidades mais graves, enquanto todos os demais (48%) apresentavam 1, 2, 3 ou mais. Como evidência da seriedade do estudo, são identificadas patologias já ativas nos últimos 4 anos antes da descoberta do contágio. As doenças mais recorrentes não são o câncer ou as várias formas de doenças cardiovasculares, sozinhas ou juntas, mas a hipertensão arterial, encontrada em 73% das mortes. Em segundo lugar, está a diabetes mellitus com 33% (menos da metade dos casos de hipertensão). O Relatório do dia 30, referente a uma amostra de 710 falecidos, apresenta um quadro que se sobrepõe de maneira impressionante ao anterior: apenas 2,1% (15 falecidos) não apresentavam patologias prévias graves, 21,3% (151) uma patologia, 25,9% (184) duas, 50,7% (360) três ou mais patologias. A média é de até 2,7 doenças. A predominância da hipertensão arterial permanece nos 73%, o diabetes é sempre o segundo, mas cai para 32,1%, enquanto a cardiopatia isquêmica está em torno de 27%. A centralidade da hipertensão arterial nas mortes por Sars-CoV-19 é um dado importante, ignorado pela maioria. É a exclusão da hipertensão da lista de doenças graves concomitantes (em tabelas preparadas com arte) que permite aos vendedores de medo "descobrir" que o vírus mata massivamente pessoas sem outras doenças graves.

O que isso significa? Antes de tudo, que a polêmica entre "morto por" e "morto com" não faz muito sentido: mortes por coronavírus, no sentido estrito, não há nenhuma (com todo o respeito), os mortos são praticamente todos com coronavírus. Além disso, deve-se admitir que tal definição também é inapropriada e genérica: as mortes por coronavírus podem ser mortes por acidente doméstico cujas vítimas foram casualmente

diagnosticadas positivas para o vírus no momento da morte. As mortes por patologias graves em estado avançado, assim como de pessoas sem outras patologias identificadas, todas ocorreram devidas a complicações respiratórias causadas pela infecção. Para estes casos, seria mais preciso dizer morte por (supostos efeitos de) coronavírus, deixando apenas o termo “mortos” para os que, embora positivos para o vírus, morreram por razões diferentes que os teriam matado da mesma forma a curto prazo.

Obviamente, o número de mortes com ou por coronavírus deve ser considerado em relação às 1.200 mortes médias (consolidadas nos últimos anos) por dia na Itália para várias patologias. Os primeiros cálculos falam de uma duplicação das mortes ocorridas nos últimos quatro anos no Norte, na média, com picos muito altos, mais de quatro vezes, nas províncias mais infectadas²⁷. Muitos suspeitaram que, no início, havia uma “retórica de guerra” desproporcional ao peso real da epidemia. E era legítimo pensar assim, mas a situação mudou. As mortes explodiram primeiro na Lombardia, ou melhor, em um território formado por algumas províncias da Lombardia (Bergamo, Brescia, Lodi, Cremona) e províncias do norte da Emilia-Romagna (Piacenza, Reggio Emilia), com uma perigosa ascensão em Veneto, na fronteira com Bergamo e Brescia. Mas, à parte a loucura dos números em algumas áreas do Norte, que sentido teria se entregar totalmente à teoria da manipulação? Seria, antes de tudo, ofensivo para aqueles que perderam alguém ou sofreram o contágio, ou para os membros das equipes de saúde que estão enlouquecendo de fadiga e dor. Para nenhum deles podemos dizer que foi (desde o início) uma farsa, e, de fato, não foi. Mais ainda (e peço desculpas pela falta de piedade das palavras), receio que, por esse caminho, caíamos em uma armadilha, contribuindo para que os reais responsáveis político-criminais e/ou econômico-criminais se safem desobrigados de suas responsabilidades pelo despreparo do sistema de saúde, resultado da louca corrida para destruir o sistema de proteção pública, desde o início do século. Estão disponíveis a todos

²⁷ Nos primeiros 21 dias de março o total de mortes teria sido o dobro da média de 2015 a 2019, enquanto em Bergamo, no mesmo período, as mortes passaram de 91 para 398, das quais pouco mais de 200 são atribuídas ao coronavírus. De fato, muitas pessoas morreram em casa sem terem sido examinadas em vida ou antes de serem cremadas. Podemos concluir que, em algumas áreas da Itália, os mortos - com ou devido ao coronavírus - são mais numerosos do que o notificado.

informações que chegam de pacientes e funcionários dos hospitais e são assustadoras. Nos últimos 15 anos, as unidades de terapia intensiva na Itália foram reduzidas em mais da metade, diferentemente do sistema alemão ou suíço. E devemos acrescentar que as estruturas hospitalares inadequadas têm contribuído para agravar ou mesmo produzir contágio, além de ressaltar o escândalo das casas de repouso para idosos, que se tornaram novas Treblinka, verdadeiras instituições da morte²⁸. Observemos a heterogênesse singular de fins! Foi a ampliação do conhecimento da população sobre o colapso da rede hospitalar nacional que desempenhou papel essencial na aceitação em massa das dramáticas medidas de quarentena impostas, contribuindo, assim, para dar aos culpados da tragédia um poder que nenhum grupo havia desfrutado na Itália do pós-guerra.

Resumindo: é um vírus da gripe novo e, portanto, altamente instável e agressivo. Produz necessidades específicas de terapia intensiva em pacientes fracos, apesar de possuir muito pouca letalidade direta. Mas foi seu impacto em um sistema de saúde depauperado, condição evidente também em relação aos materiais de proteção (como mostra o número absurdo de positivos e vítimas entre os funcionários enviados para o resgate com equipamentos completamente inadequados), que tornou a situação dramática, mesmo quando o número de infectados era relativamente baixo, como se observa por contraste à evolução da epidemia na Alemanha. Em suma, o sistema italiano já sofria muito com números baixos, o que piorou terrivelmente no subsequente enlouquecer da curva de letalidade em algumas áreas do país.

Comparamos os dados de três domingos consecutivos em março, não nos preocupando com a porcentagem de positivos, que depende dos critérios utilizados, nem com emergências que surgiram em áreas particularmente sensíveis. Na noite de 15 de março, o total de mortes foi de 1.809, enquanto as pessoas em terapia intensiva eram 1.672 entre os 20.603 casos positivos. As mortes na Lombardia foram pouco mais de 1.200, das quais 261 na província de Bergamo. Sete dias depois, eram 5.476 mortes para 7.024

²⁸ Em Merlara, na região da baixa padovana, foram encontradas 33 pessoas infectadas numa casa de repouso local, entre as quais, 15 morreram em uma dúzia de dias, o equivalente a quase 50%. Para uma avaliação geral, ver POLLICE A., “Sorvegliate speciali ma senza protezioni”, no *il Manifesto*, 2 de abril de 2020.

recuperados entre 46.638 positivos, dos quais 17.885 na Lombardia (6.216 na província de Bergamo e 5.317 em Brescia), 6.390 na Emilia-Romagna e 4.644 no Veneto. Na mesma data, os mortos eram 3.456 na Lombardia, dos quais 1.064 em Bergamo e 720 em Brescia. Na noite de 29 de março, tínhamos 73.880 casos positivos, dos quais mais de 25.000 na Lombardia (9.527 em Bergamo). As mortes foram 10.779, das quais 6.360 na Lombardia (1.878 em Bergamo) e 1.443 na Emilia-Romagna.

Sobre as várias causas inter-relacionadas de mortalidade, o presidente do ISS recorreu à expressão comorbidade, que me parece não só elegante, mas também absolutamente eficaz. Não há dúvida de que, além do vírus, o colapso do sistema nacional de saúde – em decorrência da política dos últimos quinze anos – está presente nas regiões mais afetadas e principalmente na Lombardia, e teve e continua tendo papel importante no curso da epidemia²⁹. Acrescente ainda a existência de uma população idosa alta e socialmente mais misturada com os demais grupos etários, diferente do que acontece no resto da Europa, particularmente na Alemanha.

Mas, para chegar ao frenesi de números e percentuais de algumas províncias, é preciso mais, já que há indicadores consistentes de que o número real de mortes “com” e “por” (efeito de complicações decorrentes do) coronavírus é realmente muito maior: ocorreram muitas cremações de pessoas não testadas que, portanto, não entraram na contabilidade oficial de óbitos da pandemia. Entre os fatores adicionais que contribuíram para o desastre, o comportamento de atores políticos e administrativos certamente deve ser incluído. No dia 28 de fevereiro – não esqueçamos – a Confindustria de Bergamo iniciou a campanha “Bergamo corre/Bergamo não para”, para tranquilizar mercados e parceiros estrangeiros. No início de março, os prefeitos de Bergamo e de Alzano Lombardo denunciavam com veemência o desastre econômico que causaria a ameaça de fechamento de vilas e cidades³⁰, logo convertida em fato e com extremo rigor. Estes são

²⁹ Para uma reconstrução do colapso da saúde pública na Lombardia, ver o artigo de Daniela Minerva no *Repubblica* de 23 de março: “I nostri anziani. Malati e lasciati soli dallo Stato. Ecco perché tanti morti in Lombardia”.

³⁰ Em 4 de março, o prefeito de Algate Lombardo chegou a falar veementemente sobre a necessidade de manter a cidade aberta. Ao prefeito de Bergamo deve ser reconhecido que mais tarde admitiu a gravidade

dados importantes. É possível que o bloqueio em tempo útil do Val Seriana (ou de toda Bergamo) tivesse efeitos atenuantes da epidemia, mas mesmo isso não é suficiente para explicar o que é chamado inadequadamente de anomalia lombarda, que se viu ser uma anomalia de uma parte da Lombardia à qual se juntam províncias próximas, mas pertencentes a outras regiões italianas. Existem, então, outras causas de comorbidades?³¹

Segundo declarações qualificadas, já citadas, a incidência de poluição do ar no Vale do Pó é fato, especialmente em áreas onde há maior número de mortes³². Nas províncias de Bergamo e Brescia, em 2019, os picos de poluição excederam (e muito!) as taxas toleráveis por mais de 200 dias do ano, e isso não pode deixar de ter conseqüências óbvias no nível de inflamação do sistema respiratório. Em resumo, existe uma presença de gás e poeira no ar (além da poeira fazer circular o vírus³³) que cria um estado de inflamação crônica, diminui as defesas e aumenta a letalidade de vírus. Ainda precisam ser avaliados, especificamente na Lombardia, os efeitos do “sinal verde” para depósito de lodo industrial e farmacêutico com valores claramente superiores aos permitidos pela lei

dos erros cometidos. Mas, entre 23 de fevereiro e 8 de março, tudo ficou como antes. Muitos dos protagonistas estão entre os que, numa transformação nauseante, denunciam agora a excessiva prudência das medidas tomadas pelo governo. Sobre Bergamo ver CAMILLI A., “Cosa è successo a Bergamo, la città più colpita dal virus”, em *Internazionale*, 25 de março de 2020.

³¹ Um ensaio da Harvard Business Review coloca impiedosamente sob lupa a diferença nas abordagens da epidemia no Veneto e na Lombardia, regiões muito semelhantes do ponto de vista social (e orientação política). Seria ainda maior a gravidade dos erros cometidos no início, mas também durante o mês de março, na segunda das Regiões. V. PISANO G., SADUN R., ZANINI M., “Lessons from Italia's Response to Coronavirus”, em *I.I.B.R.*, 27 de março de 2020.

³² Também sobre a relação entre epidemia e clima, ver PASINI A., *Epidemia e clima, l'equazione dei rischi*, Codice ed., 2020, apresentado por ONUFRIO. G., *Il Manifesto*, 2 de abril de 2020.

³³ Ver o relatório da Società Italiana di Medicina Ambientale, elaborado por pesquisadores das universidades de Bologna, Bari, Trieste, Milano, com pesquisas realizadas por universidades chinesas (Pequim, Wuhan). Explora o processo de coagulação que permite que o vírus “grude”, por assim dizer, nas partículas atmosféricas, conforme GATTI F., “Il mostro viaggiava in metrò”, *L'Espresso*, 29 de março de 2020, pp. 52-55.

de 2006 pela Junta Maroni (então governo da região Lombardia pela Lega Nord, de extrema direita)³⁴.

Nas semanas iniciais da epidemia, a narrativa dominante fez largo uso dos cânones elaborados durante a chamada luta contra o terrorismo. Isso transparece no martelar incessante que exige guerra. Mas, agora, há uma diferença substancial, que vou tentar explicar. Na época (final dos anos 1970), a narrativa imposta pelo poder – e que marcou a sucessão de investigações e julgamentos – teve como principal objetivo apagar a história de mais de 10 anos de lutas, deixando em seu lugar uma crônica de conspirações e crimes, que teriam sido praticados por um reduzido número de pessoas contra as quais foi possível desencadear o imenso poder do Estado. Em suma, o poder não podia encher estádios com criminosos sem contrariar a própria narrativa. Como em todas as narrativas de guerra e terror, era necessária uma ameaça interna permanente, representada pelos chamados apoiadores, que justificasse não baixar a guarda contra o inimigo. De fato, o medo foi usado em escala significativa, mas sempre tomando cuidado para não contradizer a narrativa subjacente: que os apoiadores e cúmplices eram um grupo limitado.

³⁴ Ver a intervenção de D'ANNA (nota acima); nesta matéria confusa (do ponto de vista jurídico), um jurista pode ter alguma clareza. O D.G.R. de 11 de novembro de 2017 (governador Maroni) havia aumentado significativamente os limites para presença de C-10 e C-40 no uso de lodo industrial na agricultura. Os municípios das províncias de Como e Pavia recorreram da decisão ao Tribunal Administrativo Regional da Lombardia, alertando para o aumento do risco de contaminação na produção de alimentos e a contraposição entre a Decisão da Região e o Decreto Legislativo 152 de 2006 (tabela 1, Anexo 5, título V, parte IV). Com o julgamento de 18 de julho de 2018, o TAR cancelou a resolução por intervir na competência exclusiva do estado. O efeito foi dramático: as empresas que tratam o lodo se recusaram a aceitar os materiais nas estações de tratamento. E milhares de toneladas de material foram deixadas ao ar livre por semanas. O Decreto de Emergência de 28 de setembro de 2018 ("Decreto de Gênova") contém disposições urgentes para a cidade de Gênova, a segurança da rede nacional de infraestrutura e transporte, os eventos sísmicos de 2016 e 2017 e outras emergências. As "outras emergências", inseridas sorrateiramente, são aumentos no limite de hidrocarbonetos exigidos pela região da Lombardia. O decreto "eleva a média" dos valores permitidos, adiando o embate aberto com a lei de 2006 para um futuro arranjo legislativo. O decreto foi transformado em lei em 16 de novembro de 2018 (Lei n.30), que mantém os limiares estabelecidos pela Região para C-4 e C-10, revendo também os limites para outras substâncias (no caso do cromo, com uma redução significativa nas quantidades permitidas) e adia a decisão para o futuro. Enquanto isso, o apelo ao Conselho de Estado da região da Lombardia está ocorrendo. Também o Conselho de Estado, com o julgamento de 28 de agosto de 2019, confirma a inexistência de um direito das Regiões de parametrizar os limiares para poluentes estabelecidos (Decreto Legislativo de 2006 para o uso de lodo de esgoto na agricultura). Enquanto isso, as demandas da Lombardia foram aceitas; a referida região é a única a aproveitar os novos limites concedidos por lei.

Agora, entretanto, o inimigo é abstrato. A narrativa inicial se baseava na ação localizada e na periculosidade da infecção, portanto, o total de positivos tinha que ser relativamente baixo em relação ao número de hospitalizados e dos que precisavam de terapia intensiva. Daí a acusação de loucura e de espalhar *fake news* aos que se opunham a essa narrativa. Na realidade, o número de positivos, se seriamente verificado/testado, teria sido consideravelmente maior do que o notificado. O objetivo era elevar a percepção da gravidade, desencadear uma síndrome de perigo. A partir de certo momento, porém, ficou evidente que o mecanismo da guerra se nutre de muitos e muitos inimigos internos: os portadores assintomáticos foram, então, transformados em perigosos agentes de contágio. O exército de assintomáticos, inicialmente considerado pelo senso comum como formado por pessoas sortudas e/ou resistentes, se transformou em um piscar de olhos em um grupo de indivíduos ambíguos³⁵, suspeitos, gente que se tornou cúmplice do inimigo por suas atitudes irresponsáveis. Logo, é necessário identificá-los, localizá-los, contê-los e, principalmente, vigiá-los. Cria-se uma atmosfera de ressentimentos, suspeitas e reclamações mútuas (inclusive dentro das famílias) que lembra uma caça às bruxas. E mesmo o piedoso apelo aos voluntários acabou por se transformar em um convite à segregação, à exclusão mútua. Além disso – e aqui a questão é muito mais grave – "voluntários" civis foram vistos parando pessoas, fazendo verificações de segurança, solicitando documentos, tudo "coberto" pela presença de algum membro da polícia.

Neste exato momento, é certo que já tem alguém trabalhando na criação de uma psicose da vitória traída; procuramos um novo inimigo para decidir se é interno ou

³⁵ No portal de antropologia cultural "L'antropologia e il contagio da coronavirus – spunti per un dibattito" (fareantropologia.cfs.unipi.it/notizie/2020/03/1421), uma intervenção de Chiara Moretti – publicada em *Treccani Altante*, 20/03/2020 –, intitulada "Storie virali. Responsabilità e colpevolezza", contém observações dignas de reprodução: "na evolução caótica de eventos que pintaram todo o território italiano de vermelho, a epidemia se espalhou e todos nós nos tornamos figuras ameaçadoras, porque eles foram capazes de interferir no presente, descrevendo cenários nefastos no futuro, e figuras irresponsáveis porque protagonistas ativos de um aumento exponencial da infecção ou potencialmente culpados por sermos assintomáticos. No debate público e político, quanto mais o corpo individual tendia a coincidir com o coletivo, mais o conceito de responsabilidade se fortalecia em seu duplo sentido: a culpa associada à violação de uma obrigação que causa efeitos nocivos a si e aos outros (a ser punida) e a capacidade de controlar seus comportamentos (a ser promovida)". Apreciável e inesperado, porque contra a corrente, o chamado do prefeito de Turim Appennino para que não nos deixássemos arrastar pela caça ao contaminado, na prática, todos denunciando todos.

externo. Vimos personagens inqualificáveis da direita militar aposentada saírem à tona. E a única coisa que me tranquiliza é que o fato aborreceu até aqueles que têm em mente – e alguém tem – uma "longa marcha" em direção a uma solução institucional autoritária³⁶. De fato, "a ânsia por controle reforça indubitavelmente os poderes que dominam nossas vidas, e é bom lembrar que, uma vez tomadas, medidas como as dessas semanas permanecem no arsenal do politicamente possível"³⁷. É coincidência ou mero jogo político os mesmos expoentes da direita mais tosca, que antes alertavam para o perigo do aperto nos controles de comércio e desenvolvimento (tudo se resumia a uma guerra comercial com outros países membros), converterem-se repentinamente em defensores de medidas especiais? O catavento de sempre, o (compreensível) desejo de fazer as pessoas esquecerem as besteiras que fizeram e disseram até três ou quatro semanas atrás? Duvido. A mim, pelo contrário, parece que eles se conscientizaram das novas e inesperadas oportunidades que se abrem. Apenas o Primeiro Ministro (Presidente del Consiglio)³⁸ parece ter percebido um problema de compatibilidade entre as medidas adotadas e a estrutura constitucional e os riscos daí decorrentes; nenhum dos outros integrantes do Conselho da República fala sobre isso, em especial, nenhum dos expoentes políticos da coalizão governante. Em suma: os eventos permitiram (e até certo ponto impuseram) uma suspensão suave de importantes disposições constitucionais, o que é extremamente perigoso.

³⁶ Na Europa, o uso do vírus para a declaração do estado de emergência pelo regime húngaro é um precedente dramático, que confere poderes extraordinários ao chefe de governo, autoriza prisão para aqueles que disseminam falsas informações sobre o vírus ou sobre o governo, suspende eleições e proíbe o registro de mudanças de gênero. Uma vez assumida pelo Parlamento, a medida foi saudada como expressão do "livre arbítrio do povo húngaro". Mais claro, impossível!

³⁷ Ver MEZZADRA, S., op. cit, ZAMBON G., "L'emergenza del futuro", em www.adlcobas, 19 de março de 2020, onde o autor observa que "um sério perigo à liberdade está se espalhando. A geolocalização de pessoas, o rastreamento de mídias sociais, o fim da privacidade, a troca de dados no modelo chinês foram invocadas (...) O controle sobre o território, o uso das forças armadas, a verticalização da tomada de decisões na função pública (...) tudo isso encurralou os princípios fundamentais da Constituição, do que sobreviveu da dialética entre parceiros sociais. E aqueles que experimentaram os vários períodos de emergência da história recente e passada de nosso país sabem que só com muito esforço – e nunca completamente – nos livramos das restrições liberticidas".

³⁸ O correspondente ao cargo de Primeiro-Ministro do país, hoje exercido por Giuseppe Conte. Nota da tradução.

A conspiração desenvolvida em paralelo é também a da comunicação. Mas a mera comparação com o papel da grande mídia no apelo à guerra contra o inimigo interno durante a década de 1970 é insuficiente e enganadora. Naquela época, a imprensa e a TV operavam, monoliticamente, de modo a preservar a chamada “unidade nacional”, em consonância com forças e poderes muitas vezes inconfessáveis que a orientavam. Hoje, a mídia não apenas acompanha, mas orienta e molda o desenrolar da narrativa. É uma mudança de qualidade que se impôs com ridícula facilidade em um país que acreditávamos cético e prudente, constituindo um formato que, daqui em diante, funcionará ativamente – não temos ilusões – para neutralizar os espaços residuais da democracia em nossa sociedade. Um autor chegou ao ponto de chamar tal funcionamento de biofascismo³⁹.

É um formato que construiu conscientemente uma estrutura narrativa que se torna realidade objetiva, impondo uma única visão, uma única leitura, alavancando o medo do contágio, ajudando os verdadeiros gestores do desastre a apagar suas terríveis responsabilidades (antigas e recentes), expropriando os órgãos intermediários da sociedade de seus papéis políticos, lançando constantes chamados a cerrar fileiras e à guerra. Não me parece fácil retroagir neste campo, especialmente desde que se acrescentou uma nova ferramenta à parafernália disponível (temo que destinada a um futuro de sucesso): a denúncia daqueles que espalham notícias falsas ou “imprecisas”⁴⁰, ou seja, das vozes que tentam impedir essa única e dominante narrativa.

³⁹ MATTEI U., “Da questo stato di eccezione non si torna indietro”, byoblu24: “... podem bloquear a Internet, proibir o uso de dinheiro sob justificativa de estar infectado, tornar obrigatória a geolocalização. Trata-se de uma nova forma jurídica, nos marcos das democracias liberais, fora dos padrões das constituições de primeira geração. Tornamo-nos uma sociedade de ciborgues conectados por celulares: o corpo humano é controlado até os mais íntimos detalhes por meio de *Big Data* e uso de trojans pelo Estado”.

⁴⁰ L’Agenzia nazionale per le garanzie nelle tele comunicazioni [trata-se de uma autoridade administrativa italiana similar à Anatel no Brasil. Nota da tradução.] teria, de fato, solicitado às redes sociais que bloqueassem notícias “incorretas” ou “que não provêm de fontes científicas autorizadas”. À parte a pegada “orwelliana”, esta é uma medida típica de cerco permanente. Claro que há um ataque de *fake news* anti-Itália que – dada a delicadeza do momento econômico/sanitário – é razoável bloquear. São campanhas organizadas claramente por potências externas (espero que não também interna) que, sem se revelar, pretendem minar um certo movimento de simpatia pela Itália surgido na Europa durante o mês de março. “É tudo culpa dos italianos” é o refrão corrente (não ouvimos, ainda, bradarem contra nosso direito soberano (!) de acolher sírios, norte-africanos e cidadãos de fora da UE que precisam de refúgio). Mas o

Além do dito até aqui, abre-se o terreno em que as conspirações em andamento e seus efeitos tendem a se sobrepôr, onde começa a se delinear quem ganhou/está ganhando e quem perdeu/está perdendo, e qual poderia ser o terreno de resistência de comunidades e movimentos. Trata-se de um trabalho a ser feito, e que alguns já estão fazendo – como vimos –, mas que precisa do envolvimento de muitos mais, um trabalho que requer narrativas coletivas.

Adendo: tateando...

Fui estimulado a acrescentar algo a este trabalho necessário e o farei, na medida do possível. Em termos gerais, a primeira tarefa será evitar o retorno ao normal, principalmente em relação à esfera interna das comunidades. Evite ficar prisioneiro de velhos esquemas teóricos; liberte-se da compulsão de repeti-los. Não quero dizer que tenhamos que nos livrar de nossas referências maiores, limpas de incrustações ideológicas (construídas por outros), elas ainda têm muito a dizer.

Há um esforço criativo e imaginativo a ser feito também em relação à linguagem a ser usada, pois "precisamos urgentemente de novas metáforas e novas palavras para contar sobre os dias que estamos vivendo; as antigas correm o risco de transformar em pesadelo não apenas o presente, mas também, e acima de tudo, o futuro que nos espera"⁴¹. Teremos que buscar novos modelos de sociabilidade, um modo mais rico de viver juntos. Além disso, o esforço criativo será indispensável para reconstruir, a partir de escombros, o terreno da cooperação social precedente. Refiro-me à questão da renda, mas também à combatida esfera da produção e ao tecido conjuntivo da troca de conhecimentos culturais, produtivos e muito mais. Além disso, a epidemia foi usada para liberar a Itália do problema dos imigrantes, e com um cinismo incomparável, vide a declaração do ministro Di Maio em 23 de março⁴², em reunião dos ministros das Relações Exteriores da UE,

real objetivo da medida é provavelmente bloquear as vozes e as pesquisas científicas contra a narrativa dominante.

⁴¹ CASSANDRO, D., op. cit.

⁴² Luigi Di Maio, atual ministro das Relações Exteriores, oriundo do Movimento Cinco Estrelas (M5S), ao qual renunciou. Nota da tradução.

quando se fechou o acesso ao país devido à epidemia. Um tema identificado pelos que apóiam o executivo como a principal razão do sucesso do principal partido da oposição foi resolvido administrativamente, com eficiência implacável e sem oposição. Mas que bom! E nem é preciso reverter a situação, quando se refere, com astúcia, ao uso político do parasita. Mas o problema não deixou de existir e será um dos primeiros terrenos em que cabe avançar... se não nos mantiverem fechados para sempre⁴³.

Mas é inútil negar para nós mesmos que – imediatamente e para sempre – teremos que lidar com a questão ambiental (se ainda faz sentido chamá-la assim, como se fosse apenas uma das muitas questões em aberto) de uma maneira mais dramática em razão da nova consciência de que o planeta está infectado, coisa muito diferente de combater o risco de infecção. A preocupação é grande: as escolas que os estados europeus doam à proteção dos solos e do ar arriscam ser as primeiras a desviarem-se para a recuperação, de acordo com os regulamentos, geralmente questionáveis, de proteção. Já sabemos que extração mineral, produtores de veneno, indústrias químicas, o mundo poderoso e mortal da agricultura intensiva e outros estão prontos para iniciar a campanha pela suspensão das regras de proteção ambiental, provavelmente com o consentimento de uma população exausta, assim como sabemos que eles não encontrarão oposição institucional. Se necessário, usarão as disposições sobre *fake news* para desfazer – pelo medo – o nexo entre poluição e letalidade da epidemia. Por isso, a construção de uma narrativa coletiva adequada é essencial para não ficar sem palavras.

No entanto, há uma questão mais importante e que se assemelha a um verdadeiro dilema do prisioneiro⁴⁴. Começo com uma pergunta feita há alguns dias: "pode haver um uso democrático e não autoritário ou totalitário das tecnologias de monitoramento e

⁴³ Como só é verdade o que a televisão diz e ela não fala do problema, ele parece não mais existir. Comediantes fazem piadas nas mídias sociais, dizendo que os migrantes agora passam longe da Itália. Mas, infelizmente, não é assim. É claro que nosso país não é agora atraente para os podem escolher, mas quantos estão nessa condição... se houver algum? Imaginemos como poderiam refugiados sírios de Aleppo, com o que viram e sofreram, temerem um vírus que massacra especialmente idosos, que não são maioria entre os refugiados. Essas piadas, justamente por serem feitas sem más intenções, agravam a percepção da população de um país onde o racismo penetrou profundamente no tecido cultural.

⁴⁴ O Dilema dos Prisioneiros (cooperar ou trair) é um dos jogos da chamada Teoria dos Jogos [Nota da tradução].

mapeamento?⁴⁵ Partindo dos chamados aplicativos de telemedicina (assistência médica ao paciente, monitoramento on-line), que indicam uma espécie de abertura do governo ao modelo sul-coreano (boa notícia!), o autor se pergunta se avaliaram sua compatibilidade com as normas de privacidade, bem como com a infraestrutura energética italiana e com a taxa de digitalização dos italianos, certamente não comparável à dos habitantes de Seul ou Taiwan. O objetivo é escapar da contenção total, seja por conta de uma possível segunda onda de Sars-CoV-2, seja de um outro novo vírus, que aparecerá em alguns anos. Dominijanni está interessado – e seu discurso está muito afinado com a reflexão daqueles que acreditam que a recorrência de formas epidêmicas de coronavírus está agora nas coisas – na possibilidade de adotar uma estratégia diferente de contenção que não se oponha radicalmente à vida social e, acima de tudo, que não permita aos poderes do Estado cancelar os espaços da vida democrática e da autodeterminação das comunidades e movimentos. No entanto, se a tendência epidêmica se realizar em um mundo como o atual, de agricultura intensiva, poeira fina, derramamento excessivo de dejetos tóxicos, na próxima passagem vírus-animal, só o que podemos fazer são apostas numa forma de controle *soft*, nem apassivador nem baseado em prisão dura e pura. Para uma lógica de abertura contra os vários fechamentos e a bestialidade dos soberanos, estar preparado para efetivar uma contenção ágil e móvel será fundamental⁴⁶.

A questão é: não estaríamos permitindo que um poder forte (mas diferente dos poderes sobre territórios físicos) complete seu trabalho de colonizar o mundo? Refiro-me aos proprietários da web, de big data... Vamos aqui chamá-los do que queremos: um parasita inorgânico que se expande e penetra em nosso mundo, mas que, diferentemente

⁴⁵ DOMINIJANNI I., op. cit.

⁴⁶ É interessante o ponto de vista de Byung-Chul Han em “L’emergenza virale e il mondo di domani”, El País, 22 de março de 2020, publicado em italiano em <https://criticaimpura.wordpress.com/2020/03/30/lemergenza-virale-e-il-mondo-di-domani-byung-chul-han/>. O autor observa como o modelo de sociedades fechadas é um modelo imunologicamente organizado. Depois de décadas de globalização e abertura (sobre a natureza e os limites dessa abertura, teríamos que discutir mais), “irrompe repentinamente o vírus. Em pânico, voltamos a construir barreiras imunológicas e a fechar fronteiras. O inimigo está de volta. E não mais lutamos entre nós mesmos, mas contra o invisível que vem de fora. Um enorme pânico em relação ao vírus é uma reação imune social e até global ao novo inimigo. E a reação é assim tão violenta porque vivemos por um longo tempo em uma sociedade sem inimigos, em uma sociedade de positividade. E agora o vírus é percebido como um terror permanente”.

do vírus, não tende a evoluir, mas que intenta, deseja, ser um simbiote do sujeito humano. Um parasita ao qual a resposta à crise epidêmica por meio de contenção extrema já permitiu penetrar quase definitivamente em nossos espaços internos, tanto físicos (casa, ambiente de vida) quanto mentais, já que se torna a única forma de comunicação entre indivíduos. O *Big Data* é o golpe final: o capitalismo autoritário, com fronteiras rígidas, fechado, tudo em nome de afastar o estrangeiro, e é para ele que aponta o modelo imunológico, com a destruição de todas as formas de privacidade, o controle autoritário de opiniões, pesquisas etc. Afinal, é próprio do capitalismo e, em particular, do neoliberalismo tentar combinar um governo de economia unificada mundialmente com um sistema internacional com pluralidade de centros de poder político independentes; se se conflitarem, tanto melhor.

Mas os algoritmos funcionam ainda melhor se houver um amplo movimento de oposição ao fechamento, e que, talvez, este movimento possa vencer. O protecionismo do capitalismo liderado pelo Estado (Estado Social ou Welfare) já foi derrotado por uma aliança entre o ultra-liberalismo e as forças emancipatórias, aqui, no sentido amplo do termo. E desta vez não seriam as finanças especulativas a explodir o banco, mas o poder personalizado dos dados, dos algoritmos que se adaptam e moldam um mundo ajustado a cada um. Diante de tudo isso, não é necessário levantar hipótese sobre nenhum novo meta-complô; é apenas a continuação da mesma conspiração em andamento, que terá metabolizado os resultados da etapa precedente para quando a crise voltar.

Se penso em mim como um indivíduo isolado e penso em todos que conheço e não conheço como unidades separadas, receio que realmente estejamos enfrentando o dilema do prisioneiro. Ficar parado é mortal, mas a maneira como nos movemos pode ser pior. Em um caso e no outro, o Google & Company ganham porque jogam a longo prazo: num dia eles apenas guiam você em uma jornada de mão única; no outro eles o prendem, o apoiam e levam você a se entregar. Nos dois casos, eles se tornam o lado ativo do simbiote. Em outras palavras, como diz um anão famoso de uma saga famosa, estamos ferrados.

Mas, como seres sociais, podemos nos dar ao luxo de colocar um mundo de entidades sócio-políticas fechadas e mutuamente conflitantes, caracterizado pela multiplicação de fronteiras e, dentro delas, por um domínio vertical e rígido – enfim, sociedades organizadas imunologicamente ou, mais brutalmente, o bio-fascismo – no mesmo nível de um mundo em que comunidades, movimentos, grupos de cidadãos se habilitam para gerenciar processos globais de maneira cooperativa e, na medida do possível, sistêmica? Recuperar a vida social, cultural e produtiva, assim como a mobilidade física, é a primeira necessidade do pós-vírus. Obviamente, o parasita não-orgânico permanece e, até certo ponto, nossas ações o ajudarão a crescer. Mas voltar a viver e praticar a solidariedade poderia nos ensinar como conter seu desenvolvimento. Em suma: trabalhando ao longo da borda externa do vórtice de Cariddi⁴⁷, é possível construir o caminho certo?

⁴⁷ O autor se refere à imagem criada pelo poeta Virgílio de um abismo, localizado no Estreito da Sicília, que engole os navios, as ondas, o ar, e depois os devolve, com tanta violência que alcançam as estrelas [Nota da tradução].